

*VELHICE E CONTEMPORANEIDADE:  
REFLEXÕES PSICOSSOCIAIS SOBRE  
O APRENDIZADO DE INFORMÁTICA  
EM UM GRUPO DE IDOSOS*

Eduardo Pontin de Medeiros<sup>1</sup>  
Suzana Hübner Wolff<sup>2</sup>

resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre o significado do aprendizado da informática para um grupo de idosos participantes de um programa social de uma universidade, situada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Por meio de entrevistas, análise de conteúdo e com o auxílio de um referencial teórico de abordagem biopsicossocial, observamos que o curso representa principalmente a necessidade de exercitar a autonomia pessoal, com o uso do computador. Refletimos ainda que o fato de o idoso estar em grupo, nesse processo de aprendizagem, contribui, segundo eles, para a compreensão e aceitação do processo de envelhecimento humano.

---

1 Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: eduardopsico@yahoo.com.br

2 Graduada em Educação Física, doutora em Ciências do Movimento Humano, professora da UNISINOS, coordenadora do PRÓ-MAIOR e participante do GREG). E-mail: suzanaw@unisinos.br

palavras-chave

Envelhecimento Humano. Informática. Autonomia. Aprendizado. Grupo.

## 1 Introdução

Como poderemos definir um idoso? Segundo o estatuto brasileiro, idoso é qualquer indivíduo que tenha idade igual ou superior a 60 anos. Outra tentativa de definir o que seria um sujeito idoso, segundo Goldfarb (1998, p. 62) é:

(...) um sujeito psíquico em constante crescimento e evolução, altamente afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude. Mas, estamos falando de um limite e não de uma limitação. Limite que será o do corpo biológico que sofre uma involução, mas não daquele outro que sabemos capaz de ter prazer, instrumento de amor e que deverá ser incentivado a sentir e se sensibilizar com a proximidade dos outros e a força dos vínculos.

O processo de envelhecimento implica uma série de mudanças. Essas acontecem em tempos diferentes não podendo ser generalizado a todos os indivíduos. Como o indivíduo trabalhará essas mudanças é o que fará a diferença ao pensarmos o envelhecimento de uma, ou mais pessoas (NERI, 1995).

Se comparadas duas pessoas da mesma idade, com vivências e culturas diferentes, certamente serão encontradas muitas diferenças entre elas. Possivelmente mais diferenças que semelhanças. Mais importante que a idade cronológica é a forma como os anos foram vividos, as construções que foram feitas e a maneira como esse idoso se sente e se percebe (NERI, 1995). Assim, na atualidade, faz-se necessário cada vez mais refletir sobre o que é ser velho e envelhecer. Nesse sentido, afirma Moraes (2007) que, respeitadas as diferenças, devemos pensar em um olhar que supra as demandas desses novos velhos, para que assim eles possam manter a sua autonomia e usufruir de uma qualidade de vida laboriosamente alcançada.

Alerta ainda a autora que, a população idosa vem crescendo exponencialmente, visto que a expectativa de vida dos brasileiros que em 1900 era de 33,7 anos, passou para 68,5 anos em 2000, sendo que essa tendência para os próximos anos é aumentar ainda mais tal expectativa.

Frente ao exposto e sabendo que o uso de novas tecnologias por parte da população em geral irá aumentar significativamente, perguntamos: Como estão os idosos diante a essas transformações?

Morais (2007) afirma que apenas 6% da população idosa faz uso da internet com frequência, considerando que a camada da população brasileira que tem acesso a esse serviço ainda é pequena, se comparada com outros países em desenvolvimento. Podemos então, refletir sobre o quanto os idosos podem sentir-se excluídos. E ainda: visto que esse universo tecnológico está em constante evolução, acompanhar essas transformações pode ser difícil para grande parte dessa população (KACHAR, 2003). Este fato coloca mais uma vez o idoso frente a uma função social de passado e desatualizado, o que pode vir a produzir sentimentos de sofrimento (NERI, 1995).

É sabido que um dos elementos para a promoção de um envelhecimento bem sucedido, levando em consideração aspectos biopsicossociais, é buscar manter o idoso ativo e exercendo sua autonomia. Um desses recursos pode vir a ser a informática, pois ela possibilita a ação integradora nos relacionamentos desse velho, promovendo aproximação entre gerações, proporcionando mais autonomia aos idosos. Além de abrir um mundo novo para o idoso aprendiz. Essa descoberta pode não só auxiliar no uso do computador, mas pode trazer facilidade para o dia a dia desses idosos, pois aprendendo uma tecnologia nova eles podem quebrar barreiras, sejam elas intergeracionais, ou minimizar dificuldades em incorporar novas mudanças (KACHAR, 2001).

Tendo em vista tais considerações, justificamos esta busca junto a um grupo de idosos aprendentes de informática de um Programa de Ação Social, refletindo com esses colaboradores sobre o lugar que a informática assume no cotidiano da vida deles. Buscamos ainda, identificar se o fato de o curso ser realizado em grupo teve influência em sua decisão, já que é sabido que o grupo desperta vivências diferenciadas e vários sentimentos nas pessoas, entre eles o de inclusão/exclusão.

## 2 Metodologia

Para a presente pesquisa utilizamos de uma metodologia qualitativo-dialogica para obtenção dos dados. Esse tipo de metodologia permite uma seleção intencional da amostra, e uma análise de dados que possibilita o diálogo com um referencial teórico amplo e com recortes dos dados coletados, o que resulta em uma oportunidade para que a subjetividade seja manifestada (PEREIRA, 1999).

Participaram deste estudo os idosos que faziam parte do curso de informática oferecido pelo programa de ação social, PRÓ-MAIOR da Universidade

do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no período de março de 2010. Foram entrevistados 12 alunos dos níveis “1”, “2” e “3” oportunizando uma amostra de diferentes momentos do aprendizado da informática. Tais turmas eram compostas por um total de 56 alunos, predominantemente mulheres, com idade entre 60 e 82 anos. Nessas turmas, selecionamos os maiores de 60 anos e com o auxílio de entrevistas semi-estruturadas investigamos quais eram os motivos para que estes idosos procurassem um curso de informática e seus significados perante essa realidade.

A entrevista semiestruturada era composta pelas seguintes questões: Qual o motivo para que a senhora/senhor buscasse um curso de informática? O que significa este curso para o senhor/senhora? O fato de o mesmo contar com pessoas com faixa etária parecida influenciou na sua escolha? E a senhora/senhor pensa que o grupo pode influenciar no seu aprendizado? Se sim, como? Além de tais questões, foi deixado um espaço em aberto para que o entrevistado acrescentasse algo a mais que julgasse pertinente para sua colaboração com o estudo.

Como procedimento ético, recorremos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deixando claro para os participantes que respeitaríamos a privacidade de seus nomes, que a entrevista seria gravada e posteriormente transcrita, sendo o conteúdo dessas usado apenas para os fins desta pesquisa e sendo de total responsabilidade dos pesquisadores protegerem tais dados.

As entrevistas foram realizadas individualmente, após o término da aula de informática, em uma sala separada e de forma individual. Ao todo foram realizadas 12 entrevistas, divididas em três dias de curso, durante uma semana.

Estas foram gravadas e transcritas posteriormente, os dados levantados foram submetidos a uma análise de conteúdo. Segundo Bardin (1995) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das diferentes formas de comunicação, com o intuito de investigar e conhecer a realidade que pretendemos estudar. Essa técnica não tem um modelo pronto, constitui-se através de um vai-e-vem contínuo e tem que ser reinventada a cada momento (BARDIN, 1995).

### 3 Resultados e Discussão dos Dados Obtidos

Para analisar os dados obtidos através das entrevistas, fizemos uso de categorias para expor as opiniões relatadas pelos participantes dos diferentes níveis de informática. A divisão em categorias serve para uma análise mais

sistemática das informações, agrupando as respostas por temas, e podendo propiciar um diálogo mais próximo com a teoria. Seguem, então, as categorias com seus devidos recortes.

### 3.1 O motivo pela procura por um Curso de Informática

Nesta categoria, relacionamos os motivos e significados atribuídos ao curso de informática. É interessante observar a recorrência pela busca por uma maior autonomia e independência, praticamente uma unanimidade entre os entrevistados. Como trazem respectivamente R., 67 anos: *“Eu já sei digitar, mas tenho dificuldade em pesquisa. Então qualquer coisa que dava errado eu entrava em pânico, e daí eu tinha que recorrer ao filho e isso me incomodava”*. S., 64 anos traz que: *“Eu vou ter mais facilidade para ter o que quero, não vou depender das pessoas, vou evoluir mais”*.

Além dessa busca por autonomia, revela-se frequentemente nas falas dos idosos entrevistados uma “busca por atualização” e “obter informações acerca de que se passa no mundo”, segundo J. 62 anos: *“Para me atualizar, porque é muito importante pra mim, porque eu gosto de ler textos e tem mensagens maravilhosas na internet e eu tenho que estar sempre pedindo pra minha filha e para minha nora buscar para mim”*.

Pereira *et al.* (2003) traz que tal atualização faz parte de uma nova inserção social, além de representar um grito de potência para os idosos. Este, mostra que é capaz de manter-se ativo, não aceitando estigmas de que ser idoso é ser resignado e não acompanhar mudanças.

Ainda dentro desta categoria, outro motivador para a procura por tal curso é o fator idade, ou melhor, similaridade entre a idade de todos os participantes. A similaridade de idades ajuda os idosos a não sentirem-se contrangidos, pois os mesmos apresentam dificuldades semelhantes, sejam elas de aprendizados, ou de motricidade. Segundo os idosos entrevistados, tais dificuldades inibiriam se estivessem aprendendo informática com turmas formadas por idades variadas. Segundo Kristensen (2006), compreender e respeitar esses aspectos relativos ao aprendizado e peculiares à velhice são fundamentais para que os idosos possam sentir-se a vontade para que este aprendizado ocorra.

Tal aprendizado não só traz independência, como também contribui para a aproximação com sua família e netos, demonstrando certa autonomia perante estes. Isto pode evidenciar, tanto no idoso, como nas pessoas que convivem com ele, a presença de potencialidades na velhice. Fica evidente ta

realidade percebida na fala de F., 70 anos, quando apresenta os motivos da busca pelo curso: *“Para me atualizar, para poder acompanhar a evolução da modernidade, me aproximar da minha família, meus netos”*.

Kachar (2003) traz que tal atualização faz parte de uma nova inserção social para esses idosos, pois além de representar um grito de potência, eles mostram que são capazes de manterem-se ativos, não aceitando estigmas de que ser idoso é ser resignado e não acompanhar mudanças.

Quanto ao aprendizado em grupo, resgatamos as seguintes expressões, que refletem as idéias da maioria dos participantes: para G. 82 anos *“Foi diferencial. Eu acho ótimo, porque é o mesmo nível de idade e conhecimento. Foi decisivo”*. Para V. 60 anos: *“Acho muito bom. Influenciou muito! Se tivessem jovens estaria fazendo, eu ficaria com vergonha para perguntar, porque agente tem uma certa deficiência, um certo medo, insegurança, e com jovens inibe, tanto que com os filhos já inibe, imagina com jovens. Isso influenciou muito, essa foi a melhor coisa, é como eu digo pro meu filho em casa, que bom que tem todo mundo do mesmo nível de aprendizado”*.

Os dois recortes a cima ilustram, que a procura por um curso por parte de tais idosos segue um conjunto de critérios, mostrando que a identificação com as pessoas é uma ferramenta importante para a construção de conhecimentos nesse período da vida, como analisamos na próxima categoria.

### 3.2 O Significado do Grupo em um Curso de Informática para Esses Idosos

Retomando a ideia de Both (1990), o grupo funciona como um dispositivo de aproximação e troca de vivências, ora então, trocar vivências significa aprender com as experiências dos outros. Contextualizando com o aprendizado da informática, podemos refletir sobre as vivências de cada um, como tal aprendizado afeta cada um, e principalmente que a estratégia de cada indivíduo para aprender pode ser muito rica, principalmente quando compartilhada com outros, podendo ainda, produzir novos aprendizados oriundos de trocas.

Além de funcionar como um dispositivo de trocas, o grupo identifica, faz sentir-se parte de um todo, traz pertencimento. Logo, se eu pertenço a algo, sinto-me mais a vontade para expor minhas dúvidas e angústias sobre algo. Destacamos: G., 82 anos: *“Influenciou. Porque em grupo eu acho que tu te relaciona, aprende e tem contato com pessoas que pensam quase igual a ti”*. Para V.,

60 anos: *“Eu acho que sempre teria que ser assim, em grupos. Eu acho que até tu pode tirar duvidas com teu parceiro do lado, tu pode perguntar as duvidas. Eu acho que agente precisa ter isso, acho muito importante ser em grupo”*.

No relato de J., 68 anos, aparece também o aspecto social da velhice, onde o convívio com outras pessoas diminui, fazendo com que o aprendizado em grupo, possa funcionar como forma de ampliar o círculo social desses idosos. Morales (2009) traz que o processo de envelhecimento no mundo de hoje é bastante complexo, e principalmente difícil, pois a mudança é constante. A dificuldade de acompanhar mudanças ajuda a afastar o idoso do convívio social, daí a importância de identificar-se com outros que possuem as mesmas dificuldades. *“Eu acho maravilhoso em grupo, porque no fim a gente acaba se ajudando, perde o constrangimento, as dúvidas são esclarecidas, existe uma cooperação. Amplia o círculo social, a gente se relaciona com pessoas que não conhecia, acho interessante”*.

Observamos também um movimento de ajuda mútua nesta fala de J., uma cooperação, pois não há o constrangimento de ajudar, de errar e principalmente de pedir ajuda sem ser julgado. Tal segurança vem do acolhimento dentro do grupo, e da identificação com pessoas semelhantes, tanto em idade, dificuldades e aparências físicas.

O grupo assume também a função de ajudar a aceitação de uma nova realidade, a aposentadoria. Essa, é uma fase muito conturbada, pois o sujeito que sai de uma plena atividade para uma vida mais serena. Zimmermann (2000) traz o sentimento de desvalia e, nesse contexto, uma consequente perda de convívio grupal, pois antes o ambiente de trabalho assumia tal papel. Por último, fala de L. 65 anos retrata a nova realidade e como o grupo pode contribuir para a aceitação da mesma. *“Agora em janeiro eu me aposentei, então eu me senti tão estranha, agora eu tomei consciência da vida, que eu to no meio delas (alunas com mesma idade), e é muito bom também”*.

### 3.3 O Lugar da Informática no Cotidiano desses Idosos

É importante observar que nesta categoria há uma recorrência de respostas semelhantes à primeira categoria de análise: o motivo da procura. As respostas remetem sempre à independência, autonomia e atualização.

Praticamente todos os entrevistados trazem opiniões semelhantes, isto nos faz refletir sobre o papel atribuído aos velhos, de pessoas dependentes. Chega um determinado período da vida em que pode haver uma inversão de papéis, antes o sujeito, agora velho, era o cuidador, agora passa para a posição de quem recebe cuidados, perdendo boa parte de sua autonomia.

(SANTOS, 2000). Isso fica claro no depoimento de G., 80 anos quando perguntado se ela achava que a informática iria modificar algo em sua vida: *"Vai modificar. Muito. Meu Deus, vou caminhar com minhas próprias pernas, sem a muleta da filha"*.

É interessante observar o papel atribuído à filha, de muleta, algo que usamos para nos apoiar, auxiliar em um movimento, fundamental para conseguirmos ir para frente. É essa a ideia que os idosos entrevistados passaram. De que estão cansados de precisar de muletas para ir para frente, querem caminhar com as próprias pernas, aprender novos conhecimentos sozinhos e elaborar suas próprias ideias. Para B., 63 anos: *"Eu vou ter mais facilidade para ter o que quero, não vou depender das pessoas, vou evoluir mais"*.

Outro papel fundamental da informática, segundo os idosos entrevistados, foi a comunicação. Nos dois recortes abaixo, fica claro como este aprendizado pode contribuir para estreitamento dos laços sociais, mesmo que virtualmente. Fala-se muito em rede social, pensamos que a mesma não substitui a troca presencial, mas pode aproximar muito as pessoas, rompendo barreiras financeiras, físicas e naturais, que antes delimitavam um relacionamento, como traz P., 74 anos: *"Meu filho viaja muito pela empresa, ele disse 'mãe vai fazer, quando eu tiver na Europa, não fica tão caro para falar contigo, e podemos nos comunicar mais seguido'. Quando tu tiver melhor eu te compro um computador melhor, mas só se tu for fazer o curso. Aí eu fui fazer né, mas eu acho legal, eu vejo meus netos e minha nora mexendo, acho assim, eu tenho condições de estar nesse mundo, de estar aprendendo"*.



Baseados nos relatos obtidos e no aporte teórico consultado, destacamos que esta pesquisa possibilitou a visibilidade na mudanças do perfil dos idosos contemporâneos, de um determinado grupo, trazendo à tona sujeitos engajados com as mudanças tecnológicas que o circundam, com sede de aprendizado, e principalmente buscando por si, sem depender dos outros.

Acreditamos que o significado assumido por um simples ato, como ligar o computador, é imenso. É como a metáfora trazida por uma das idosas: *“caminhar sem muletas”*. Tal metáfora ilustra muito bem a busca pela manutenção da autonomia, onde percebemos que eles querem continuar conquistando conhecimentos, deixando de ser passivos, se tornando sujeitos da sua própria caminhada.

Percebemos ainda que esse aprendizado estimula outros aspectos biopsicossociais dos envelhecetes, tornando-se uma ferramenta fundamental para um envelhecimento bem sucedido. Ao aprender informática, os idosos, além de ampliar laços sociais, desenvolvem capacidades corporais, tais como a motricidade das mãos, exigida na execução de outras tarefas, oportunizando ainda maior plasticidade e manutenção da atividade cerebral. Sem contar na capacidade de transferência desses conhecimentos adquiridos para outros espaços em que a tecnologia está presente, como nos caixas eletrônicos, ou aparelhos domésticos.

Sampaio (2006) traz que necessitamos sempre ir além, ter uma vida com desejos, aspirações e sonhos. Para muitos desses idosos, aprender a usar um computador pode se encaixar numa dessas categorias. Envelhecer bem sucedidamente não é só possuir ausência de doenças, também é expandir a vida, ultrapassar limites impostos, mesmos que alguns inadequadamente foram construídos pela sociedade que nos cerca.

Criar espaços voltados para o ensino de informática para idosos se faz cada vez mais necessário, ainda mais quando contemplam a convivência tão importante para os que envelhecem. Com isso, a tecnologia que circunda a todos pode ser desmistificada, e torna-se cada vez mais fundamental, seja apenas como forma de aprendizado, manutenção do convívio social, forma de estreitar laços sociais com familiares, ou como forma de potencializar a autonomia, enfrentando os sentimentos de medo e fascínio que o computador desperta nestas pessoas.

## AGING AND CONTEMPORANEITY: PSYCHO-SOCIAL REFLECTIONS ON THE LEARNING OF INFORMATICS IN A GROUP OF ELDERLY

## abstract

This article intends to reflect on the learning of informatics among a group of elderly participants in a university located in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Through content analysis of interviews and with the help of a biopsychosocial reference, we note that the main reason for these seniors pursuing this course was due to the need for autonomy in the computer and how being in a group contributes to the understanding and acceptance the procedures of human aging.

## keywords

Aging. Informatics. Autonomy. Learning. Group.

## referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Brasília: Editora 70, 1995.
- BOTH, Agostinho. *Conversas sobre a terceira idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- GOLDFARB, Delia. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KACHAR, Vitória (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- KRISTENSEN, Christian H. Funções executivas e envelhecimento. In: PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. *Cognição e envelhecimento*, Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 31-45.
- MORAIS, Eunice M. R. de. Informática para pessoas na terceira idade: inclusão ou cidadania? In: CORRÊA, Osvaldo M (Org.). *Revista Caderno de Artigos*, Belo Horizonte, p. 75-80, 2007. Disponível em: <[http://www.fumec.br/ensaios/docs/caderno\\_artigos2006.pdf](http://www.fumec.br/ensaios/docs/caderno_artigos2006.pdf)>. Acesso em: 24 de abr. 2010.
- MORALES, Maria R. Grupo de Reflexão: Espaço de acolhida escuta e transformação. In: WOLFF, Suzana H. (Org.) *Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais nos Núcleos de Vida Saudável*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 171-175.
- NÉRI, Anita L. *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.
- PEREIRA, Júlio C. R. *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais*. São Paulo: Edusp, 1999.

SAMPAIO, T. Tecendo cultura com mediações que unem o corpo, saúde e lazer. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 73-96, set./dez. 2006.

SANTOS, José M. M. *et al.* (Org.). *Gerontologia social*. Santiago de Compostela: Segal, 2000.

ZIMERMAN, Guite I. *Velhice*: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Recebido: 23/12/2010  
1ª Revisão: 31/03/2011  
2ª Revisão: 20/07/2011  
3ª Revisão: 27/09/2011  
Aceite Final: 03/10/2011